SADY CASEMIRO DOS SANTOS

DEFINIÇÃO PEDAGÓGICO – DIDÁTICA DO ENSINO ARTÍSTICO DE PINTURA

TESE DE CONCURSO À CÁTEDRA DA PRIMEIRA CADEIRA DE PINTURA DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO BRASIL

RIO DE JANEIRO — GB — 1965

SADY CASEMIRO DOS SANTOS

DEFINIÇÃO PEDAGÓGICO-DIDÁTICA DO ENSINO ARTÍSTICO DE PINTURA

Rio-de-Janeiro, GB, 1965

SADY CASEMIRO DOS SANTOS

Instrutor de Ensino Superior junto à 1ª Cadeira de Pintura da ENBA da UB - Professor de Ensino Técnico do Estado da Guanabara - Professor do Educandário Ruy Barbosa - Ex-Professor do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia da UB - Ex-Professor de Didática Especial do Desenho nos Cursos de Orientação e Exames de Suficiência da CADES - Ex Professor de Didática do Curso de História da Arte do Instituto de Belas Artes do Estado da Guanabara Ex-Professor da Associação Brasileira de Desenho

DEFINIÇÃO PEDAGÓGICO-DIDÁTICA DO ENSINO ARTÍSTICO DE PINTURA

Tese de concurso à Cátedra da 1ª Cadeira de Pintura da Escola Nacional de Belas-Artes da Universidade do Brasil

Rio-de-Janeiro, GB, 1965

4194/30-05-2016

Aos alunos da Escola Nacional de Belas-Artes, como autenticidade, anseios justos e inspiração de todo o nosso labor docente.

Ao Professor Henrique Campos Cavalleiro, lídima figura de orientador sensível, verdadeiro criador do atual espírito orientacional da 1ª Cadeira de Pintura, de quem dificilmente se seguirão os passos, mesmo no melhor esfôrço de sistematização pedagógica.

DEFINIÇÃO PEDAGÓGICO-DIDÁTICA
DO ENSINO ARTÍSTICO DE PINTURA

(Tese de Concurso à 1ª Cadeira de Pintura da E N B A da U B)

S U M Á R I O - Í N D I C E

1. - JUSTIFICAÇÃO E APRESENTAÇÃO

1.1 - Nossa integração no ambiente 11
1.2 - O concurso e nossa mensagem 13
1.3 - Objetivos de nossa tese 14

2. - DA SENSIBILIDADE

2.1 - Evolução e sensibilidade 19
2.2 - Civilização e sensibilidade 21
2.3 - Atualidade e sensibilidade 30

3. - DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

3.1 - Sensibilidade e educação 35
3.2 - Educação e arte 36
3.3 - Finalidade da educação artística 37

4. - PROBLEMÁTICA DO ENSINO ARTÍSTICO 43

4.1 - A didática e seu âmbito 44
4.2 - Princípios pedagógico-didáticos 44
4.3 - Definição pedagógico-didática específica 48

III

JUSTIFICAÇÃO E APRESENTAÇÃO

1.1 Nossa integração no ambiente

1.2 O concurso e nossa mensagem

1.3 Objetivos e nossa tese

1.1 – Nossa integração no ambiente

Somos dos que, da Escola Nacional de Belas-Artes, acompanham interessados o processo de existência. De há vinte anos para cá, de um modo direto; do início dessas duas décadas para traz: pròximamente através de pessoas, remotamente por documentos. Dizemo-nos interessados, porque: DISCENTE, procurando no ambiente o atendimento de necessidades vocacionais e o desenvolvimento de tendências, o fizemos de um modo crítico notório e assaz intenso; DOCENTE, intentando sempre complementar as reações próprias da consciência intelectual da fase adolescente anterior com a ação comedida e concentrada, necessária à nova fase de maturidade profissional, entregamo-nos à pesquisa em diversos setôres específicos da atividade artística bem como ao equacionamento da problemática geral que os reúne. Mais do que interessados, diríamos, porque, verdadeiramente integrados no processo de vida desta Escola, recebemos influência e cotidianamente influímos, com relação a pessoas em particular e ao ambiente de modo geral, nada processando-se de nosso conhecimento que não mereça nossa curiosa atenção e dedicada consideração.

Nossa atitude tem resultado de necessidades imediatas e contingentes e do entrelaçamento dessas necessida-

des com um ideal formado desde muito cêdo - o da integração pessoal progressiva, no processo evolutivo de modo geral e no do meio de modo particular, como parcela ativa e consciente. Integrados portanto na problemática de nosso ambiente, sentindo a cada momento em seu pulsar, os movimentos de impulsão ou retração, felicitamo-nos por nunca haver estado ausentes em qualquer dessas situações, atuando sempre, embora modestamente, em todos os momentos, do melhor modo que nos foi facultado atuar.

Dentro dêsse processo em que há vinte anos nos encontramos e em virtude das circunstâncias que nos envolvem face ao concurso que se abre para preenchimento da cátedra junto à qual laboramos, ocorre-nos decidir pela nossa participação como candidato, já acedendo a apelos, já por obrigação de coerência.

Nesta situação definimos nossa participação no concurso como parte da necessidade de continuidade e intensificação conscientes de uma tendência que se vem afirmando no ambiente, no sentido de certa transformação de natureza estrutural com a qual nos identificamos, transformação essa sofrida por nossa instituição por influência de fôrças circunstantes e acomodada por sua sensibilidade docente e administrativa. Trata-se do desenvolvimento progressivo necessário do conteúdo dos artigos 12 e 14 do atual Regimento Interno da E.N.B.A. que visam assegurar ao Artista Plástico portador de Diploma da Escola, prerrogativas no campo magisterial. Tal finalidade, em nosso entender, dada aos cursos de nossa Escola, implica em redefinição de natureza pedagógico-didática, dada a formação que subentende enfeixar em coerência com as responsabilidades a conceder.

1.2 - O concurso e nossa mensagem

Asseguramos desde já que, para nós, a integração do artista plástico na função social do magistério não significa um passo ousado apenas dado por razão de circunstâncias. Acreditamos mesmo na necessidade, em nossa época e em nosso meio, de se procurar todos os recursos para promover tal integração. E não apenas pelo lado do ajustamento do artista na sociedade, por uma razão de sobrevivência do artista ou da arte, mas, ao contrário, por uma necessidade de sobrevivência da própria sociedade, na medida em que tal sobrevivência possa porventura depender da participação e contribuição do Artista.

Tal significação para o nôvo enquadramento social do Artista ao qual se vem fazendo sensível a estrutura docente e administrativa da Escola Nacional de Belas-Artes, não requer para esta instituição apenas o aplauso entusiástico de nossa parte. Como parcela embora pouco significativa quanto à posição oficial que ocupa no seu seio, nem por isso pouco ativa dado o entusiasmo e dedicação que devota ao seu meio em sintonia com seus ideais, acreditamos que ao aplauso requerido de nossa parte devemos acrescentar a colaboração merecida, colaboração essa que pretendemos expressar de duas formas bem características:

a - a de alerta - chamando a atenção do ambiente para as implicações de natureza pedagógica e didática que a nova função atribuída ao Artista, em nosso meio, requer de nossa Escola bem analisar e equacionar;

b - a de sugestão, já com ensaio de análise e equacionamento em têrmos pedagógicos e didáticos da problemática vivida pela Escola e dos movimentos necessários da estrutura no sentido de sua readaptação, tais sendo os objetivos mais gerais dêste trabalho, dirigido embora no sentido de apenas uma das importantes especializações mantidas pela Escola.

1.3 - Objetivos e nossa tese

Justificamos assim o nosso trabalho e a nossa participação no concurso, como produto e movimento surgidos expontâneamente no interior do próprio processo ecológico que envolve nossa instituição, refletindo-se as necessidades dêsse processo na vibração sensível, embora modesta, de uma parcela ativa do ambiente, interessada no sentido de sua aceleração e desenvolvimento.

Caracterizar uma situação temporal; constatar no espaço reações características dessa situação; identificar em nosso ambiente as mesmas necessidades que caracterizam a situação aludida; contribuir apenas para que se inicie a transformação da sensibilização atual de nosso ambiente em conscientização progressiva, sugerindo uma ordenação normativa particular com ela coerente, eis o esfôrço de nossa elaboração; eis o propósito de nosso despretencioso mas honesto trabalho.

*

DA SENSIBILIDADE

2.1 Evolução e sensibilidade

2.2 Civilização e sensibilidade

2.3 Atualidade e sensibilidade

ESPAÇO-TEMPO:

noção fundamental para a existência humana

ESPAÇO:

movimento no tempo

TEMPO:

ordem do movimento

AÇÃO:

movimento humano

PEDAGOGIA:

ordenação da ação

DIDÁTICA:

ação ordenada

SENSIBILIDADE:

fonte de necessidade da ação ordenada

2.1 - Evolução e sensibilidade

Utilizando uma expressão tradicional costumamos dizer que o Homem é um milagre da Natureza.

Aprofundando tal afirmativa com base na ciência antropológica, diríamos que os milênios durante os quais se processaram os movimentos da Natureza perceptíveis à atual consciência humana, permitem a constatação do aparecimento de um ser vivo dotado de uma grande plasticidade orgânica, munido de um conjunto sensorial complexíssimo, cujo aperfeiçoamento natural em meio às circunstâncias espaço-temporais resultou numa capacidade receptiva altamente desenvolvida a que hoje se chama de SENSIBILIDADE. E o ser sensível, aos fluxos e refluxos existenciais, em meio ao ritmo universal registrando-se em si mesmo, evoluiria, possìvelmente de uma consciência sensível ou sentimento intelectual para uma consciência intelectual, traduzida em atos intelectuais ou pensamentos, guias de sua ação.

A partir dêste estado atuaria sôbre a natureza circundante, como se dela se destacasse e, transformando-a em benefício de sua própria conservação e multiplicação, construiria um mundo artificial dentro do natural - obra maravilhosa do ser SENSÍVEL, RACIONAL, ATUANTE - a sociedade humana, o mundo destinado à conservação, multiplicação e aper

feiçoamento do próprio Homem.

Assinalando essa visão evolutiva, referente ao milagre humano, em virtude do apôio que nos faculta em benefício da racionalização introdutória à nossa estrutura proposicional, fazemo-lo inicialmente para salientar, no processo evolutivo, a importância da sensibilidade como antecedente e componente da razão. E argumentamos: se o processo universal, natural e expontâneo, operou no ser humano a maravilha do aguçamento de sua sensibilidade e através desta iluminando-se no ser sensível o prodígio da consciência intelectual, inclinou-se o Homem para a ação criativa e construtiva, em benefício de sua própria afirmação, dêsse encadeamento fenomenológico cremos ser útil destacar as seguintes observações:

a - A atividade criativa e construtiva é da mais alta importância para a vida humana e corresponde à necessidade de sua conservação em desenvolvimento;

b - nenhuma criação ou construção humanas prescinde da razão;

c - a ação racional do Homem tem como principal fundamento a necessidade sensível, desligada da qual seria incompreensível ou admitiria a auto-destruição da espécie.

Das observações acima concluimos que, além de ser da mais absoluta importância para a vida humana, pode constituir-se mesmo na principal meta de um seu permanente "dever-ser" - o cultivo consciente e sistemático da sensibilidade.

Dizemos CONSCIENTE E SISTEMÁTICO porque o desenvolvimento da sensibilidade nos têrmos evolutivos em que o colocamos foi produto da natureza e das conscunstâncias, ou seja, dos impulsos, satisfações, impactos, temôres e sofrimentos do ser humano na luta incessante pela sobrevivência ou pela conservação do equilíbrio estrutural do seu "ego".

Principalmente no condicionamento de suas experiências mais amargas, burilou-se quase sempre a sensibilidade. De tal modo que, cessada a necessidade de defesa do ser vivente, por estar assegurada sua capacidade de sobrevivência ou de equilíbrio, a energia intelectiva ou a fôrça acumuladas, não raro têm tomado formas expansivas insensíveis, desligadas que foram da necessidade que lhes deu origem. Poderíamos dizer que a SENSIBILIDADE É O AMOR À VIDA E A RAZÃO O SEU PODER DE AFIRMAÇÃO; mas só a RAZÃO SENSIBILIZADA tem esta função e nem sempre foi possível mantê-la nesse estado por não dispor a sociedade de meio consciente, sistemático e positivo para melhor condicioná-la.

•

2.2 - Civilização e sensibilidade

A esta conclusão que estamos atingindo por via lógica podemos melhor ainda chegar, trilhando estradas da História. Nela encontraremos fundamentos, inclusive, para fazer as seguintes afirmações:

a - A CIVILIZAÇÃO É O PROGRESSO DA RACIONALIDADE CADA VEZ MAIS APROXIMADA DA SENSIBILIDADE;

b - TAL CONEXÃO EVOLUTIVA TEM COMO ÍNDICE MAIS EXPRESSIVO A ATIVIDADE CRIATIVA E CONSTRUTIVA EM BENEFÍCIO DA CONDIÇÃO HUMANA;

c - A RACIONALIDADE APÓS PREENCHER A NECESSIDADE SENSÍVEL QUE A DETERMINOU, TORNA-SE EM ENERGIA APENAS EXPANSIVA, DESCONECTADA, PODENDO TRANSFORMAR-SE EM FÔRÇA DESTRUTIVA QUE SÓ SE REORIENTA POR NOVA SENSIBILIZAÇÃO.

Se considerarmos por exemplo na história de Roma as características do seu crescimento de pequena cidade gra

dativamente transformando-se em um grande império, veremos que na complexidade dos fatôres que influenciam êsse crescimento, papel dos mais decisivos reserva-se à racionalidade fundada na sensibilização. Na Roma nascente das Realezas Sabina e Etrusca, que mergulhada em terreno lendário pouco nos deixa ver do seu verdadeiro fácies, nos seus quase dois séculos de existência já se desenvolveria impulsionado por geotropismo religioso e heliotropismo guerreiro, como arbusto arrogante de caule bem estruturado, um vigoroso processo de civilização. De fato, na seiva dêsse arbusto consolidado na "Cidade das Sete Colunas" dos fins do Século -IV ocorriam já depurações tão significativas que mesmo nesse remoto período, vislumbramos um exemplo eloquente do que afirmamos sôbre a civilização. A tal conclusão chegamos quando, analisando a passagem do Govêrno da Realeza para o Sistema Republicano, vemos nìtidamente sob a ameaça externa, a estrutura revitalizar-se pela transformação interna. Se a plebe romana àquela época, esmagada pelas mais humilhantes vicissitudes, na ânsia de sobreviver com dignidade sensibilizaria sua racionalidade fundando-a na ameaça externa a Roma, a classe dominante por seu turno sensibilizada pelos perigos externo e interno, encontraria sua forma inteligente de sobrevivência, no recuo oportuno de suas posições prepotentes, caracterizado na aceitação da transformação política da estrutura.

É assim que se passa da Realeza para o sistema republicano; que se evolue em seguida de uma República aristocrática para outra de características quase democráticas; é assim que se realiza a mudança da autoridade unipessoal vitalícia rígida em outra de natureza pluritária, limitada e gradativamente maleavel; é assim que se verifica a troca da insígnia real que ostentava o direito consular de condenar à morte, por uma lei estabelecendo que nenhum cidadão romano poderia ser condenado à pena capital senão por resolução do povo reunido em "Comícios". É assim, portanto, que

aquelas instituições se aperfeiçoam e humanizam sob a égide da razão sensibilizada. E a conscientização por parte das classes dirigentes, relativa ao processo de sobrevivência da estrutura coletiva em desenvolvimento, sensível aos perigos de desagregação interna, robustecer-se-ia no aperfeiçoamento de instituições mais civilizadas tais como a igualdade civil política e religiosa da plebe e a transformação do "Direito Consuetudinário" em "Direito Público" e "Comum". Sem essas transformações de natureza interna, como sobreviveria Roma às ameaças externas ?

É nestas mesmas características de mudança qualitativa refletindo claramente o papel da racionalidade sensibilizada, que se vê processar-se o desenvolvimento crescente da República Romana. É na sensibilização crescente da estrutura, forjada constantemente na defesa contra as invasões dos povos circundantes e nas transformações institucionais oriundas do equilíbrio da luta entre as classes sociais, que vamos encontrar a fôrça impulsionadora do crescimento impetuoso da árvore romana. E ela agregaria em sua seiva, estiolando-os com sua sombra, os povos ambiciosos do seu humus, como o foram os Sabinos e os Volscos, os Galos, Samnitas, etc., e estenderia seus ramos dominantes por tôda a Itália dos meiados do Século -III, "... desde la Galia Cisalpina hasta las riberas del golfo de Tarento."

Sabemos que o crescimento de Roma não ficou limitado a essa unificação da península itálica. Sua expansão continuaria durante o sistema republicano até à conquista sangrenta pelas armas de tôda a vasta orla mediterrânea. Mas o impulso construtivo registrado nessa fase, oriundo da necessidade defensiva, começa a transformar-se em seus aspectos sensíveis. Embora seja evidente a marca da sensibilidade observada no tratamento aos povos conquistados; embora se vislumbrem ainda indícios de perigo aos domínios romanos, o certo é que os motivos das guerras de conquistas, que se seguem, diferem gradativamente dos anteriores. Nelas vemos nì

tidamente as características de expansão de uma estrutura consolidada dando extravasamento à energia concentrada pela anterior necessidade de defesa. E a fôrça acumulada pela poderosa Roma dividida nas mãos de suas classes dirigentes como conseqüência das guerras de conquistas, não encontrando mais a resistência de obstáculos externos, haveria de voltar-se para o interior da estrutura, ameaçando de esmagamento as classes dirigidas. É o período chamado da "decadência do espírito republicano"; é o mergulho no mar de sangue, das guerras civis travadas ante os ecos significativos das palavras de Catão e das ações temerárias de Tibério e Caio Graco; é a razão insensível guiada pela fôrça voltando-se cegamente contra a própria estrutura.

É dêste período da história romana que diz Salustio (86 a 34 a.C.) - romano, discípulo dos historiadores gregos, particularmente de Tucidides - sôbre a corrupção de Roma (citação de Baridon em "História Universal - Roma"):

"Cuando la República fué engrandecida por la actividad y la justicia, cuando ella hubo dominado por la guerra poderosas monarquias, sojuzgado por la fuerza de las armas naciones salvajes y pueblos considerables; cuando Cartago, la rival del imperio romano, pereció completamente y que toda la tierra y todos los mares nos fueram abiertos, entonces la fortuna se puso a castigarnos y a confundirlo todo. Aquellos que habiam resistido sin pena las fatigas, los peligros, las pruebas más duras y más críticas, encontraram en el reposo y en la opulencia, que otros podiam desear, un fardo aplastador. Se vió desarrollar de immediato la sed del oro, en seguida la del poder; esto fué la fuente de todos los males. En efecto, la avaricia arruinó la buena fe, la probidad y todas las demás virtudes; en su lugar ella entronizó el orgullo, la crueldad, el desprecio de los dioses, la venalidad sin límites. La ambición hizo poner una máscara a la mayoria de los hombres; se tuvo un pensamiento escondido en el fondo del corazón, y otro en los lábios;

el odio y la amistad no fueran más un sentimiento sino un cálculo; la honradez se llevó sobre el rostro y no en el corazón."

"Estos vicios no aumentaran al principio sino muy lentamente; se les reprimió de tiempo en tiempo, pero cuando el flagelo, semejante a un mal contagioso, hubo hecho irrupción, el aspecto del Estado cambió y la dominación romana, antes tan justa y pura, se convertió en cruel y intolerable."

Vemos, por êste trecho de Salústio, um quadro muito claro da desagregação interna de Roma, oriundo da insensibilidade das fôrças que administravam a República. Para onde conduziria êste quadro ? Para o desaparecimento da própria República, em seu lugar estabelecendo-se o Império. Melhor diríamos que uma racionalização nova de certo modo sensível, embora apoiada na fôrça, buscava o equilíbrio para a estrutura convulsionada. A fôrça dos poderes acumulados nas mãos de um só homem e a sensibilidade dêsse homem — Augusto — golpeando por um lado as ambições desmedidas, por outro, encarnando a esperança de condições mais humanas para as classes populares; promovendo o esfôrço pelo restabelecimento das tradições romanas mais antigas, a paz, a prosperidade e a probidade administrativa, de fato viriam a representar o apogeu de Roma, do qual as artes e a literatura florescentes nessa época pintam-nos com exuberância o seu melhor retrato.

A esta altura devemos fazer uma pausa. Não é nosso objetivo rever a história de Roma; apenas servir-nos dela como exemplo eloqüente das características por nós identificadas para o sentido da civilização, como fruto resultante da sensibilização crescente da racionalidade em progresso.

Embora creiamos já haver fornecido dados suficientes para comprovar as três afirmativas do início desta par-

te, não queremos entretanto encerrar êste ciclo de argumentos com a forma de racionalidade do famigerado século de Augusto. Sabemos, que em sua grandiosidade e imponência, nesse áureo século, gemia interiormente um vasto império escravocrata. As leis e as medidas administrativas de tôda ordem encetadas por Augusto, resistem realmente ao desmantelamento da estrutura, abalada pelas guerras civis e estremecida pelas rebeliões de escravos. A paz reinante, o apêlo à prática das virtudes tradicionais e ao culto dos deuses oficiais; o apôio às artes particularmente à literatura, de certo modo contribuiriam para amenizar a dôr do Império. Mas o sentido dessa racionalidade não acrescentava quase nada ao estado existente àquela época, de miseranda condição humana.

Na Roma Imperial (sigamos Baridon) em que das classes populares, "... los humillores formaban la inmensa mayoría de la población del império"; em que os escravos ainda constituiam a base da sociedade, o despotismo militarista prevalecendo sôbre os anseios de vida de grandes massas sofredoras, fàcil é compreender o processo de sobrevivência dessas gentes e seu consequente processo de sensibilização, trabalhado por tôdas as vicissitudes. Do ponto mais sensível dessa massa humana, do seio do povo judeu que havia vários séculos perdera sua independência, sofrendo sucessivamente sob o domínio de assírios, babilônios, persas, gregos e então dos romanos; do seio dêsse povo de fé monoteista que cria na vinda de um libertador, nascido da linhagem de David, como lhes ensinaram seus profetas, para devolver-lhes a liberdade e converter-lhes na mais poderosa nação... haveria de surgir uma saída um modo ao menos de sobreviver com dignidade. De fato, essa esperança dos judeus não tardou muito em se tornar para grande parte da massa, em promissora e confortante certeza — a da vinda bem próxima do Messias — soprada, tal certeza, do deserto, na retumbante voz de João Batista.

Jesus de Nazareth, judeu, instrumento humano afi-

nado pela tradição iniciática dos essênios, envergando sua túnica branca, apareceria em meio às multidões de João Batista, à beira do Jordão, para assumir seu pôsto anunciado. Batizar-se-ia como todos, mas, viveria e morreria diferente de todos para com seu exemplo operar a mais positiva e sútil das transformações — já pelo poder sensibilizador dos seus atos, já pela racionalidade profunda de suas palavras: - a transformação construtiva, pela resistência pacífica, como o repetiria Ghandi em nossos tempos.

Oferecendo em nome de um Pai espiritual e eterno — do qual era a encarnação humana — um reino que não era dêste mundo, ao qual pertenceriam todos os que seguissem seus ensinamentos (estabelecia como condição para ser seu discípulo, o ser "suave e humilde de coração"), Jasus valorizava e soerguia o ser humano sucumbido nas dôres da pobreza. Anulava, em conseqüência, a atração exercida pelo re no dos potentados. Deixando-se sacrificar e perdoando aos seus algozes, fazendo dêsse ato a entrada no reino eterno, tornava fatalmente obsoletos: castigos, torturas, matanças, como instrumento que eram de domínio eficaz. Transformaram-se êsses meios, em seguida, em processo de libertação, provocado e procurado, por muitos mártires seguidores de Jesus. Sua pregação do amor ao Pai e ao próximo, seu irmão, como a si mesmo, — não excluindo os próprios inimigos — não apenas humanizava as massas; esvasiava, ainda, a organização política de um império militarista. Se a arregimentação de fôrças para a manutenção do Império, ajudada por processo religioso de culto aos deuses pagãos e aos ideais de nobreza, já por si só se tornara difícil, agora havia grandes obstáculos, com o advento dessa religião extranha e fascinante, pregada por Jesus Cristo.

Vemos, assim, como na Idade Antiga, a parte sofredora da humanidade, a que gemia massacrada sob o tacão do Império Romano, sensibilizada por tôdas as vicissitudes, so

breviveria àquela fôrça avassaladora e mesmo a desagregaria, impulsionada pela ideologia cristã.

Assistimos, dêste modo, à maior transformação civilizadora da Antiguidade, emergindo essa nova forma da racionalidade, da perfeita identificação com o estado de sensibilização.

Não desejando estender mais êsse argumento, mas apenas comprová-lo na continuidade do processo histórico, diríamos, que na Idade Média, a forma de equilíbrio humano, ensejada por Jesus Cristo - confirmando a última das três afirmações feitas no início destas observações - expandir-se-ia insensibilizando-se, tomando forma desumanizante. Já, no Século IV, tornada religião oficial do Império Romano, não podemos confundí-la com aquela dos primeiros tempos.

Dêste modo, a racionalidade cristã ao tempo de Jesus Cristo é um movimento construtivo, humano, racional, intimamente ligado à sensibilidade. A ideologia cristã, após a vitória do Cristianismo, é racionalismo instituído, desligado da sensibilização que o impulsionou; é fôrça posta em dúvida, já pela proliferação dos "Cismas", já pelos movimentos reformistas - pela fragmentação da racionalidade criada pelo próprio Cristianismo.

Sem desejar penetrar os liames da interpretação histórica, veremos apenas que, no referente à Idade Moderna outros fatôres se acentuam corroborando com nossa argumentação.

As formulações da lógica da REVOLUÇÃO RELIGIOSA do Século XVI, por exemplo (Sigamos Burns), desencadeando a selvageria das matanças e torturas da qual pereceram, vítimas, filósofos e cientistas - espíritos como os de Giordano Bruno e Michel Servet - cujas idéias sadias e construtivas arderam nas fogueiras inquisitoriais - são provas inequívocas de INSENSIBILIDADE.

Também uma outra lógica, a da REVOLUÇÃO COMERCIAL, a do chamado mercantilismo absolutista dos Séculos XVI-XVII, liberando as ambições materiais humanas desenfreadas, elevando ao poder comerciantes e banqueiros, proprietários de navios, acionistas e empresários de indústrias — os quais europeizaram o mundo a custa de guerras de conquistas, assim como do restabelecimento da escravidão por bem mais de dois séculos — falam-nos eloqüentemente de INSENSIBILIDADE.

Mas a marcha do entorpecimento progressivo da sensibilidade humana — a esta altura acelerada pela multiplicação da espécie e pela complexidade do seu processo vital — atinge pontos dos mais elevados com a REVOLUÇÃO INDUSTRIAL do Século XIX.

A racionalidade religiosa que representara uma libertação social nos fins da Idade Antiga, transformando-se em esquema de acomodação individual durante a Idade Média (não obstante a produção dos melhores frutos culturais, "formadores da alma do homem moderno"), com os progressos da ciência e técnica modernas quase desapareceria por completo do cenário: "O grande mal do nosso tempo está em que a Ciência e a Religião aparecem como duas fôrças inimigas e irredutíveis" — diria ÉDOUARD SCHURÉ — e acrescentaria: "Mal intelectual tanto mais pernicioso quanto é certo que vem do alto e se infiltra, surda mas seguramente, em todos os espíritos, como um veneno sutil, que se respira no ar."

A racionalização crescente verificada no processo de vida dos povos, justificada e impulsionada pelo pragmatismo filosófico, atinge o Século XX em aceleração espantosa. E na vertigem do progresso racional insensível — por um lado impulsionador das ambições liberadas, por outro aprisionador dos ideais de vida, prepara-se um esquema dos mais significativos: o esquema de nossa atualidade.

2.3 - Atualidade e sensibilidade

O mundo em que vivemos apresenta características bastante complexas a quem deseja integrar-se em sua realidade objetiva com finalidade de influenciar a solução de problemas de natureza prática. Avulta essa complexidade se a meta perseguida diz respeito a propósitos no terreno pedagógico-didático.

No âmbito dêste capítulo em que tratamos da sensibilidade de um ponto de vista ântropo-sociológico e histórico, os pormenores a evidenciar com fito em nossa atualidade serão os que justifiquem o tratamento, embora sumário, do problema pedagógico-didático.

O nosso Século XX, caracterìsticamente conflitivo, parece equilibrar em seu transcurso DUAS TENDÊNCIAS bastante características, da conexão que vimos estabelecendo entre racionalidade e sensibilidade:

a - na primeira - a da RACIONALIDADE INSENSIBILIZANTE (pois, arrastando os sêres humanos na automatização do remuinho tecnológico, condiciona a liberação dos aspectos insensibilizadores) - identificamos a causa dos conflitos: em menos de meio século, em função dêsses fatôres, o mundo conflagrou-se duas vêzes, em capacidade crescente de poder destrutivo; em função deles, ainda, estabeleceu-se a crise política, que em seu progresso, já dividiu o mundo em dois polos poderosos, os quais, munidos de catastrófico poder destrutivo, ameaçam de desaparecimento a própria espécie humana.

b - na segunda - a da RACIONALIDADE SENSÍVEL (pois luta desesperadamente, pré-vivendo o desfecho da hecatombe iminente) - identificamos as fôrças que tentam arregimentar todos os instrumentos práticos e teóricos ao seu alcance em benefício da conservação da espécie: emerge dêsse esfôrço, além de instituições que evoluem re-

gulando o processo, uma estruturação científica com base no sensível, que é nada mais nada menos que a pedagogia moderna, fundada na investigação científica de fundo bio-psico-sociológico.

Ela representa: pela sua forma, - as aplicações mais avançadas da razão humana; por seu conteúdo, - a vibração mais ressonante e atual de sua sensibilização.

*

DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

3.1 Sensibilidade e educação

3.2 Educação e arte

3.3 Finalidade da educação artística

3.1 - Sensibilidade e educação

Considerando no processo evolutivo e de civilização, a SENSIBILIDADE, como condição da CONSERVAÇÃO e APERFEIÇOAMENTO da espécie humana; como aceleradora e reguladora da razão do Homem, conseqüentemente de sua AÇÃO, CRIATIVA e CONSTRUTIVA, cremos não oferecer mais qualquer dúvida a afirmação que fizemos, de início, da importância do seu cultivo. Consciente e sistemático - recordemos - a ser considerado constante objetiva do "dever-ser" humano.

Resta saber de que modo o cultivo da sensibilidade (que se vem processando evolutiva e històricamente de modo assistemático, como necessidade de defesa ou equilíbrio, ou como ensaio e êrro em meio às circunstâncias espaço-temporais), poderia ser controlado em nossa atualidade, suspensa por um fio sôbre o abismo, entre duas tendências antagônicas.

Sem as reservas da qualidade sensível, como DECIDIRÃO os chefes militares, guardiães dos potenciais nucleares arrazadoramente destrutivos? Sem essas mesmas qualidades, que farão dêste mundo nos diversos pontos chaves, os homens sucessivos que DECIDEM? Esta é a nossa situação temporal cujas características constatamos - quer partidas de Washington ou Moscou; de Londres, de Paris ou Vaticano - nos ape-

los de PAZ já tão frequentes. Instituições reguladoras dos conflitos, como a O.N.U., já claudicam nas suas possibilidades. A paz é o problema fundamental de nossos tempos e tem garantia apenas na sensibilidade. Mantida por um equilíbrio de fôrças, pode rolar o abismo, mal se rompa de leve êste equilíbrio.

A esperança assim está na educação; na educação da sensibilidade.

•

3.2 - Educação e ARTE

A atividade criativa e construtiva tem sido, através dos tempos, o registro mais evidente da presença da sensibilidade nas formas sucessivas de racionalidade. As artes, por exemplo, representaram sempre o resultado de vivências individuais dessas formas sensíveis. São aspectos de integração do indivíduo com o meio em seus valôres temporais. Os resultados particulares dessa integração - as obras de arte como substratos - sempre exerceram uma atração sadia, magnetizante, aglutinando as criaturas em congraçamento, em comunhão salutar de sentimento.

A educação artística surge, assim, como uma das possibilidades de maior interêsse, na problemática de nossa realidade. Seu conteúdo integra-se perfeitamente no esfôrço necessário, aos nossos dias, de um condicionamento sensibilizante.

A pedagogia moderna, como fôrça integrante de uma das tendências de nossa atualidade, - a tendência sensível - volta-se em nossos dias, compreensivamente, para o problema da Educação artística. O trabalho magnífico da UNESCO, no seu esfôrço de divulgação dos "tesouros artísticos do mun

do" ou dos métodos novos de orientação didática no terreno da iniciação artística - representa sem dúvida uma contribuição valiosa para o afinamento da sensibilidade coletiva, de um modo intencional e positivo; de uma forma consciente e sistemática.

De fato, as gerações em formação, no contato visual com as formas sensíveis da cultura de todos os povos; na vivência experimental de processos plásticos de criação e construção, aprenderão desde cêdo a amar êsses povos com êles se identificando; sensibilizando-se contra a destruição.

•

3.3 - Finalidade da educação artística

A educação artística caracterizando-se por uma finalidade tìpicamente sensibilizadora, de modo o mais convincente enquadra-se por seu conteúdo, na aspiração pedagógica de nossa atualidade.

Em obra das mais eloqüentes, à qual nomes dos mais representativos da intelectualidade em nossa época referem-se classificando-a como a mais completa e bem escrita sôbre o assunto, Lourenço Filho abarca o problema da Pedagogia Moderna, sob o título de "Introdução ao Estudo da Escola Nova". Nesta obra significativa onde podemos acompanhar, de 1880 até aos nossos dias, o extraordinário esfôrço de homens e instituições de vários povos, no sentido do equacionamento dos problemas gerais e específicos da "Educação Renovada", encontramos as coordenadas de tôdas as conclusões atuais nesse terreno, facilitando de muito a compreensão de conjunto e elucidando admiravelmente, a pesquisa de detalhes.

Remetendo a essa obra quem desejar olhar mais de perto as nossas referências, evidenciemos apenas algumas

observações definidoras das atuais preocupações pedagógicas:

Referindo-se ao organismo de maior responsabilidade neste assunto, no mundo presente, diz aquêle autor na obra citada, sôbre a criação da UNESCO, depois da 2ª guerra mundial.

"Quanto à educação, em tudo fundamental, já não seria suficiente uma comissão internacional de cooperação, mas órgão mais complexo, para estudo de grande profundidade e com visão realista. Foi assim que nasceu, em 1946, a ORGANIZAÇÃO EDUCATIVA, CIENTÍFICA E CULTURAL DAS NAÇÕES UNIDAS, abreviadamente, a UNESCO, com apôio imediato de 43 países. Propõe-se ela a contribuir para a manutenção da paz e da segurança entre os povos, estreitando pela educação, a ciência e a cultura, a colaboração entre as nações, a fim de assegurar o respeito universal pela justiça, a lei, os direitos do homem e as liberdades fundamentais de todos, sem distinção de raça, sexo, língua e religião, e que a CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS viria a reconhecer."

Fazendo menção ao compromisso assumido pelos Estados membros da UNESCO (dizendo que "em junho de 1960, se contavam como 82" cita o que "está expressamente determinado" "no instrumento de convenção que êsses países assinaram", isto é, "que a Segunda Grande Guerra"... "só se tornou possível pela postergação dos princípios democráticos, dos da dignidade humana e da igualdade entre os homens, e pelo desejo de substituí-los pela exploração de preconceitos e aceitação da idéia de que as raças e os homens são desiguais entre si"; "e ainda, e também que"..."a difusão da cultura e da educação de todos no sentido da justiça, da liberdade e da paz, cria um dever sagrado que tôdas as nações têm de cumprir com espírito de plena responsabilidade e ajuda mútua."

Diz ainda, a propósito do esfôrço que vem sendo encetado pela entidade, nos seguintes têrmos, nos quais identifica seus objetivos com as atuais finalidades pedagógicas: "Por muitos aspectos, o programa da UNESCO condensa muitos dos propósitos da educação renovada: a democratização do ensino, o aperfeiçoamento das instituições por organização racional e maior espírito técnico, a fundamentação dos objetivos gerais da educação para minoração de tensão entre grupos de cada povo e entre os povos - tudo no sentido da preservação da harmonia entre as nações, respeitados seus costumes e tradições, ou seus componentes histórico culturais. Para isso, admite o entendimento e a cooperação mútua, mediante programas de assistência técnica, permuta de informações e de pessoas qualificadas para o progresso das ciências e artes, e para progresso da organização e administração educacionais."

Definindo no título: "5. SITUAÇÃO ATUAL", diz concluindo a exposição sôbre as bases históricas do movimento pedagógico:

"Tal situação apresenta aspectos de vivo contraste. O mundo encontra-se dividido ansiando, no entanto, por uma integração mediante emprêgo de formas construtivas, com base em realizações pacíficas do trabalho, da cultura e das aplicações tecnológicas que possam melhorar a vida de cada um e de todos os povos."

Dizendo que... "nas realidades educacionais tenta-se uma nova percepção que melhor habilite o homem à REFLEXÃO PROSPECTIVA que interessa aos fins, e à ação intencional que trata dos meios" - afirma, "Não se cuida apenas de imprimir uma nova feição técnica ao trabalho das escolas, com base em diversa compreensão de realidades e recursos possíveis, mas proceder a uma revisão de objetivos fundada em novos valôres sociais e morais."

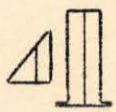
Faz uma pergunta final: — "Até que ponto das conclusões mais recentes da biologia, psicologia e estudos sociais, poderemos retirar elementos para tão vasto e complexo empreendimento? Até que ponto as investigações sôbre os meios de educar nos levarão a compreender novos objetivos, assim permitindo organização mais funcional da escola?... Eis os graves problemas da renovação pedagógica de nossos dias."

E arremata dizendo: "Em última análise, a ação educativa intencional rege-se pelas convicções que o homem possa ter sôbre o mundo, a vida e o seu próprio destino. O trabalho educacional visa um DEVER-SER."

Feitas estas observações sôbre as preocupações pedagógicas de nossos tempos, concluímos que a educação artística, apesar de orientação para uma atividade típica de certo modo bem delimitada, em nada se pode isolar em seus princípios ou métodos das generalizações da ciência pedagógica. Muito pelo contrário, terá tanto mais certos seus produtos, quanto mais suas normas e procedimentos sejam autênticos corolários, das já consagradas práticas pedagógicas modernas.

Se "o trabalho educacional visa um dever-ser"; se o cultivo consciente e sistemático da sensibilidade pode ser a principal meta para um permanente DEVER-SER; se a pedagogia atual enceta o maior esfôrço em prol dêsse cultivo e a educação artística é um dos seus valiosos meios, determinar as finalidades da educação artística é compreender os fins e dominar os meios da própria pedagogia moderna.

Em nosso entender, de acôrdo com a contingência atual êsses fins são os de contribuir para a sobrevivência da sociedade humana, pela ação sensibilizante, dentro de um processo consciente e sistemático.



PROBLEMÁTICA DO ENSINO ARTÍSTICO

4.1 A didática e seu âmbito

4.2 Princípios pedagógico-didáticos

4.3 Definição pedagógico-didática específica

4 - PROBLEMÁTICA DO ENSINO ARTÍSTICO

Dentro desta configuração geral é que vemos a problemática do ensino artístico.

O meio brasileiro está integrado na atualidade configurada, já pela participação no último conflito bélico mundial, já por integrar os organismos internacionais, e mesmo por suas atividades culturais especìficamente ligadas ao movimento pedagógico.

Nosso próprio ambiente - a Escola Nacional de Belas-Artes - por sua sensibilidade docente atual, gravita claramente em tôrno do problema. O Regimento Interno da ENBA, em seus artigos 12 e 14, estabelece um elo dos mais significativos com a corrente da racionalidade sensibilizada de nosso tempo, embora em têrmos apenas de finalidade.

Alertamos, entretanto, o nosso meio, para a correlação entre esta finalidade atribuída ao diploma, concedido ao artista e as necessidades que se criam de reformulação pedagógico-didática, no seio de nossa estrutura.

O ensino artístico é fôrça das mais positivas em nossos dias. As artes ganham importância e o artista com formação pedagógica tem um papel dos mais elevados a desempenhar. Êste papel, entretanto, só será desempenhado cabalmente se a instituição formadora do artista-mestre, num esfôrço de conscientização do seu verdadeiro papel, operar as transformações necessárias à estrutura para o devido preenchimento de suas finalidades. E estas transformações, caracterizamo-las como REDEFINIÇÃO de natureza PEDAGÓGICO-DIDÁTICA, para elas devendo voltar-se, o esfôrço de conscientização docente. Esta deverá ser a nossa tarefa presente, dentro da problemática geral.

4.1 - A didática e seu âmbito

O âmbito da Didática Geral, segundo um dos maiores mestres da Didática no Brasil - Professor Luiz Alves de Mattos - (de quem tivemos a honra de ser discípulo e colaborador no Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia da U.B.), compreende:

a) o aluno;
b) o professor;
c) os objetivos;
d) a matéria;
e) o método.

O presente trabalho tem, como integração de seus objetivos, o propósito de estabelecer uma estrutura de princípios de natureza pedagógico-didática, almeijando definir a orientação atualizada do estudante de artes plásticas, particularmente de pintura, em nossa Escola Nacional de Belas-Artes.

•

4.2 - Princípios pedagógico-didáticos

Não podemos deixar de salientar, antes de formular o complemento objetivo dessa afirmação, algumas preliminares que tornarão mais compreensível o nosso propósito, a ser desenvolvido tendo em vista o âmbito da Didática Geral.

1ª - Há, atualmente, duas correntes fundamentais, em se tratando de Pedagogia:

a - a que coloca no centro de suas preocupações o problema do indivíduo, com suas tendências naturais a serem respeitadas e desenvolvidas;

b - a que toma como fim o social, com suas particularidades e conjunturas, às quais deverão adaptar-se os indivíduos.

Ao pensarmos no equacionamento de problemas de natureza didática, não podemos, ao menos no respeitável à educação artística, ignorar os argumentos de qualquer dessas duas correntes. Não podemos ficar adstritos com exclusividade a uma qualquer das duas, sob pena de incorrermos no êrro de considerar permanente um dêsses dois esquemas. A expansão das tendências individuais transforma a estrutura social e esta, desenvolvendo-se, cria para o indivíduo novas necessidades de adaptação. A mutualidade de influências explica o movimento evolutivo e é neste que devem estar integradas as gerações.

2ª - Por outro lado, é quase uma tradição em nossa Escola Nacional de Belas-Artes (e em tôrno disso quantos acontecimentos se registraram nos últimos 20 anos) a afirmação de que "Arte não se ensina"... "A Escola ensina apenas as técnicas."

Em face dêste argumento (contra o qual muito já se tem dito e tanto tentamos fazer quando ainda estudante) devemos fazer ainda a observação de que: no problema da orientação didática do estudante, de Pintura, por exemplo, a aprendizagem da técnica ressalta como fator importante. Isto é por si mesmo evidente. O que não se vem tendo em mente, entretanto, quando se evidencia essa importância, é que a aprendizagem técnica não é fator isolado, independente de outros fatôres até de maior relêvo. O que tememos é que o ensino das técnicas faça abstração do processo de desenvolvimento criativo, como se dêle estivesse separado. Em nosso entender, a aprendizagem das técnicas deve ser concomitante com o desenvolvimento da capacidade criati-

va; deve contribuir para êsse desenvolvimento, fazendo parte dêle.

Na orientação do desenvolvimento da capacidade de expressão artística dois movimentos devem ser tomados em consideração:

a - um de dentro para fora, significado nas tendências inatas do indivíduo em busca de equilíbrio para a conservação e desenvolvimento das energias intrínsecas de sua estrutura individual;

b - outro de fora para dentro, significado nas dominantes circunstanciais e espaço-temporais em busca de equilíbrio para a conservação e desenvolvimento das energias intrínsecas da estrutura social.

À pedagogia, como ciência da educação, cabe o papel, sem dúvida essencial, de harmonizar o desenvolvimento das energias intrínsecas da estrutura individual, com as da estrutura social, equilibrando a mutualidade potencial de transformação recíproca. Assim, do ponto de vista pedagógico, será considerada anormal a atitude de individual excentricamente anti social. Do mesmo, modo dêsse ponto de vista, será excrescente a instituição social cuja função coíba o desenvolvimento das tendências individuais.

3ª - A valorização da educação artística - dedutível da análise geral anteriormente feita - colocando o artista em excepcional destaque no mundo moderno, requer para sua formação um conteúdo novo. Êste conteúdo que identificamos com as atribuições docentes que já se lhe concedem, é um ponto de grande interêsse na reformulação metodológica de sua atualizada formação.

Tendo em vista as conclusões que antecederam esta parte e o conteúdo das preliminares que nela acabamos de estabelecer, formulando uma síntese normativa de ação ordenada, concluímos:

O ENSINO ARTÍSTICO, PARTICULARMENTE DE PINTURA, DEFINE-SE, PEDAGÓGICA E DIDÀTICAMENTE, ATRAVÉS DE TRÊS PRINCÍPIOS, CUJAS CONSEQÜÊNCIAS ANALÍTICAS FORMAM UM CONJUNTO HARMÔNICO, CAPAZ DE SERVIR DE INSTRUMENTO PRÁTICO E NORMATIVO, NA ATUALIDADE, NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO UNIVERSITÁRIO DE BELAS-ARTES... SÃO ÊSSES PRINCÍPIOS:

I - o da **LIBERDADE**;

II - o da **INCENTIVAÇÃO**;

III - o da **OBJETIVIDADE**;

4.3 - Definição pedagógico-didática específica

I - O PRINCÍPIO DA LIBERDADE, como inspiração pedagógico-didática, pode ser generalizadamente configurado, como corolário do próprio processo de evolução e civilização, nos têrmos em que o definimos; êle reflete a sensibilização da racionalidade, em nosso tempo, aplicada à orientação individual. Admite, êste princípio, como fato, inicialmente, a existência de tendências no indivíduo e em seguida suas experiências, relacionadas com o desenvolvimento dessas tendências. Fundamenta-se nos dados da psicologia evolutiva e diferencial, assim como na psicologia das tendências, e tem como tônica o problema das diferenças individuais.

Aplica-se o princípio da liberdade, quando:

a - assume-se atitude pedagógica conforme com a psicologia das tendências;

b - prevê-se a situação do ensino, tendo-se em vista as singularidades e peculiaridades do indivíduo artista;

c - organizam-se as condições de ensino em função do desenvolvimento integral da personalidade artística, tendo em vista a sua participação no processo de civilização.

Considerando o princípio da LIBERDADE em função do âmbito da didática, teríamos como conseqüência:

a - a colocação do aluno artista e provável artista-mestre, como a primeira preocupação da organização pedagógico-didática;

b - a seleção do professor, tendo em vista sua formação pedagógica e didática, atualizada - como uma condição indispensável à eficiência institucional;

c - a definição de objetivos bem delimitados, conscientemente relacionados com o processo de evolução e civili

zação, particularmente com os seus valôres mais em evidência em nossa atualidade.

II - O PRINCÍPIO DA INCENTIVAÇÃO, como impulsionamento pedagógico-didático, interpreta as direções das tendências individuais, como indefinidas e inconscientes, a princípio para o próprio indivíduo. Considera o aspecto dinâmico do sentimento artístico e, se por um lado contribue para que êle se forme livremente, por outro admite a possibilidade de aceleração de sua formação ou da revelação de direções para as tendências. Fundamenta-se nos dados da psicologia da sensibilidade e tem como tônica, o mecanismo de formação dos sentimentos.

Aplica-se o princípio da incentivação, quando:

a - assume-se atitude de simpatia e compreensão para com as manifestações criativas do indivíduo artista, por mais rudimentares que pareçam, mais procurando nelas qualidades, que descobrindo-lhes defeitos;

b - valorizam-se, com ênfase, aquêles resultados que demonstrem evolução do aprendiz;

c - promove-se a integração do indivíduo com o meio cultural, através de exibição pública, recomendando-lhe à crítica especializada que o encaminhe para o ajustamento social.

Considerando o princípio da INCENTIVAÇÃO em função do âmbito da Didática, teríamos como conseqüência:

a - a definição da matéria didática ou das matérias e seu oportuno planejamento em função dos objetivos escalonados e em têrmos liberadores;

b - o estabelecimento cuidadoso das atividades dando margem a manifestação das peculiaridades individuais;

c - o condicionamento material e moral dessas atividades.

III - O PRINCÍPIO DA OBJETIVIDADE, como assegurador de equilíbrio, define-se como regulador por excelência. Encerra êste princípio, por exemplo, a necessidade de assegurar a continuidade do desenvolvimento artístico, como renovação evoluída, Fundamenta-se na necessidade de preservação dos valôres culturais consagrados e na assistência ao desenvolvimento individual, de maneira integral e ajustada.

Aplica-se o princípio da objetividade, quando:

a - estabelecem-se dimensões no processar-se da situação de ensino, relativas à limitação da liberdade, em função de finalidades generalizadas;

b - coíbe-se a manifestação insensibilizante que contribue para o desajustamento;

c - orienta-se a individualidade indefinida, no sentido que se tem certeza contribue para o seu desenvolvimento e ajustamento.

Considerando o princípio da OBJETIVIDADE em função do âmbito da didática, teríamos como conseqüência a segurança do método presente nas três grandes fases do "ciclo docente" de que fala Luiz Alves de Mattos:

a) a do planejamento;

b) a da orientação;

c) a do contrôle,

enquadrando-se dêste modo, o funcionamento da instituição, no ritmo da racionalidade sensibilizadora de nossa atualidade.

C O N C L U S Ã O

- através da **LIBERDADE**, descobriremos no artista em desenvolvimento, sua individualidade, suas singularidades, suas peculiaridades, suas necessidades, seus desejos e impulsos;
- por fôrça da **INCENTIVAÇÃO**, criaremos as condições materiais e morais para que se orientem, selecionem, desenvolvam e se firmem, os elementos constitutivos da personalidade artística;
- com os cuidados da **OBJETIVIDADE**, asseguraremos o desenvolvimento harmônico da personalidade artística, sua integração no processo cultural, sua eficiência técnica e sua adaptação ao meio.

*

... assim, talvez pudéssemos encontrar razão para,
em fase adolescente, haver dito sôbre

O ARTISTA

Qual o ramo que treme ao sôpro mais suave,
Roçagante, da brisa ao passar silenciosa
E na dança, em que as formas flutuam qual ave,
Faz bailar a nossa alma, alegre, venturosa;

Qual a corda da lira, que em sonido grave,
Ao sutil dedilhar, vibra maravilhosa,
E ao vibrar, sonorosa, aos requintes da clave,
Vai tornando da vida a estrada bonançosa;

Qual antena, que longe, em páramos distantes,
A sondar o infinito em meio à imensidade,
Vai captando da vida o pulsar dos instantes...

É o Artista, através da sensibilidade,
Para todos, quer sábios, quer ignorantes,
Mensageiro, inconteste, de Felicidade!

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

A - JUSTIFICAÇÃO E APRESENTAÇÃO

1 - SADY CASEMIRO DOS SANTOS - Relatório da Gestão de 1948-1949 do Diretório Acadêmico da ENBA - DA ENBA 1949
2 - REVISTA ENBA - 1951
3 - ARQUIVOS DO DA da ENBA - 1946 a 1950
4 - REGIMENTO INTERNO DA ENBA - 1965

B - DA SENSIBILIDADE

5 - ALBERT BURLOUD - Psicologia de la Sensibilidad - Vergada Editorial - Barcelona - 1956 (Tradução)
6 - ARNOLD HAUSER - História Social da Arte e da Cultura - Lisboa - Jornal do Fôro - 1954 (Tradução)
7 - CHARLES BAUDOIN - Psicanálisis del Arte - Editorial Psique-Buenos Aires - 1955 (Tradução)
8 - ED. CLAPARÈD - A Educação Funcional - Companhia Editôra Nacional - São Paulo-Rio-Recife-P.Alegre - 1940 (Tradução)
9 - EDWARD Mc HALL BURNS - História da Civilização Ocidental - Editorial Glôbo - Rio-P.Alegre-S.Paulo - 1955 (Tradução)
10 - ÉMILE DURKHEIM - Educação e Sociologia - Edições Melhoramentos - 1965 (Tradução)
11 - ÉDUARD SCHURÉ - Os Grandes Iniciados (Esbôço da História Secreta das Religiões) - Edições da "Organização Simões" - Rio - 1952 (Tradução)
12 - J.H.ROBINSON - A Formação da Mentalidade - Companhia Editôra Nacional - São Paulo - 1945 (Tradução)
13 - JOHN DEWEY - El Arte como Experiência - Fondo de Cultura Econômica - Mexico - 1949 (Tradução)
14 - JULIAN S.HUXLEY - El Indivíduo en el Reino Animal - Editorial Pleaman - Buenos Aires - 1961
15 - M.B.LOURENÇO FILHO - Introdução ao Estudo da Escola Nova - Edições Melhoramentos - 8ª Edição - 1963
16 - O.SECCO ELLAURI e
PEDRO BARIDON - História Universal - Roma - Editorial Kapelusz - Buenos Aires - 1962
17 - RALPH LINTON PH.D. - O Homem: Uma Introdução à Antropologia Livraria Martins Editôra - São Paulo - 1959 (Tradução)
18 - UNIVERSIDAD DE OXFORD - El Legado de la Edad Media - Edicio nes Pegaso - Madrid - 1950 (Tradução)
19 - W.CARROLL BARK - Origens da Idade Média - Zahar Editôres - Rio-de-Janeiro - 1962 (Tradução)

C - DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

20 - ALBERT BURLOUD - Psicologia de la Sensibilidad - Vergara Editorial - Barcelona - 1956 (Tradução)
21 - GEORGES ROUMA - El Lenguage Gráfico del Niño - El Ateneo - Buenos Aires - 1947 (Tradução)
22 - HENRI DELACROIX - Psicologia del Arte - Editorial "El Ateneo" - Buenos Aires - 1951 (Tradução)
23 - HENRI PIÉRON - La Sensación - Editorial Paidos - Buenos Aires - 1960 (Tradução)
24 - HERBERT READ - Educación por el Arte - Editorial Paidos - Buenos Aires - 1955 (Tradução)
25 - VIKTOR LOWENFELD - Desarrollo de la Capacidad Creadora - Editorial Kapelusz - Buenos Aires - 1961 (Tradução)

D - PROBLEMÁTICA DO ENSINO ARTÍSTICO

26 - ALBERT BURLOUD - Psicologia de la Sensibilidad - Vergara Editorial - Barcelona - 1956 (Tradução)
27 - HERBERT READ - Educación por el Arte - Editorial Paidos - Buenos Aires - 1955 (Tradução)
28 - JOHN DEWEY - El Arte como Experiência - Fondo de Cultura Econômica - Mexico - 1949 (Tradução)
29 - LUIZ ALVES DE MATTOS - Sumário de Didática Geral - Editôra Aurora - Rio - 1960 (3ª Edição)
30 - M.B.LOURENÇO FILHO - Introdução ao Estudo da Escola Nova - Edições Melhoramentos - 1963 (8ª Edição)
31 - VIKTOR LOWENFELD - Desarrollo de la Capacidad Creadora - Editorial Kapelusz - Buenos Aires - 1961 (Tradução)